

A PALAVRA COMO ISCA: RELATO DE UMA OFICINA DE ESCRITA TERAPÊUTICO-CRIATIVA COM CLARICE LISPECTOR E ANTON TCHÉKHOV

*The Word As Bait: A Report On A Therapeutic And Creative Writing Workshop Inspired
By Clarice Lispector And Anton Tchekhov*

Milena Novack¹
Julia Aguiar Machado²
David Tiago Cardoso³

Artigo encaminhado: 15/11/2025
Artigo aceito para publicação: 05/12/2025

RESUMO

O presente relato descreve uma oficina de escrita terapêutica-criativa realizada durante o 1º Congresso Brasileiro de Arte, Cultura e Saúde Mental & XV Encontro Catarinense de Saúde Mental, cujo objetivo foi explorar a palavra como espaço de cuidado e expressão subjetiva. Participaram cerca de 20 pessoas, entre estudantes e profissionais. A oficina foi facilitada de forma presencial, articulando escrita, leitura e partilha. A experiência evidenciou a potência da escrita como recurso terapêutico em saúde mental e ferramenta para o fortalecimento de vínculos comunitários.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Terapêutica; Escrita Criativa; Saúde mental; Cuidado; Oficina.

ABSTRACT

This report details a therapeutic-creative writing workshop held during the 1st Brazilian Congress on Mental Health & 15th Santa Catarina's Mental Health Conference, the primary objective of which was to explore language as a space for mental health care and subjective expression. Approximately 20 participants attended, including students and professionals. The workshop was facilitated in-person, integrating writing, reading, and sharing. The experience demonstrated the potential of writing as a therapeutic resource in mental health and as a useful tool for strengthening community bonds.

KEYWORDS: Therapeutic Writing; Creative Writing; Mental Health; Care; Workshop.

¹ Graduanda de Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

² Graduanda de Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

³ Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) em Psicologia. Psicólogo no Sistema Único de Assistência Social da Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, SC. Doutor em Psicologia, na área de Psicologia Social e Cultura, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1 INTRODUÇÃO

A oficina “A palavra como isca: captura de si através da escrita com Clarice Lispector e Anton Tchékhov” integrou a programação do 1º Congresso Brasileiro de Arte, Cultura e Saúde Mental & XV Encontro Catarinense de Saúde Mental e teve origem no desejo de experimentar a prática de escrever como via de escuta, de produção de subjetividade e de compartilhamento de sentidos.

Partiu-se da concepção de que a palavra, quando usada como instrumento expressivo e sensível, pode operar como meio de encontro com aquilo que escapa à consciência (os afetos, as nuances do sentir, os outros que nos compõem) e, quando vivenciada em grupo, tem o potencial de se tornar um espaço de trocas e aposta criativa, pois, como Ferreira (2011, p. 130) observa, “o estudo da palavra do outro implica a elaboração de uma nova relação com a lembrança e com o esquecimento”, ressaltando o caráter coletivo e político das palavras em circulação.

Tomando Clarice Lispector e Anton Tchékhov como companheiros de travessia, buscou-se, por meio da polifonia de vozes, acionar uma experiência de escrita terapêutica e criativa entre os participantes da oficina, compreendendo a literatura como dispositivo de cuidado em saúde mental e de autodescoberta. Esses dois modos de escrita, por sua vez, se imbricam de tal forma que separá-los seria reduzir a proposta em sua essência. Assim, acredita-se que a oficina possui um caráter ao mesmo tempo inovador e insurgente.

Os objetivos da oficina foram estimular a imaginação, impelir à escrita, favorecer a escuta de si e criar um espaço de partilha entre os participantes. Nesse sentido, Wittgenstein (2000) sugere que a linguagem se engendra a partir de atividades caóticas, descentradas e sem um planejamento racional; é no arrepio, no sorriso espontâneo ou até mesmo em um suspiro que a comunicação com o outro encontra aberturas para seguir em frente. Assim, a escrita operou não apenas como técnica, mas como um gesto de reconhecimento de si e do outro.

Trata-se de experimentar outras formas de subjetivação, mais íntimas, como aquelas evocadas por Clarice ao dizer: “Escrevendo, tenho observações

por assim dizer passivas, tão interiores que se escrevem ao mesmo tempo em que são sentidas” (Lispector, 2010, p. 77). Assim, a oficina configurou-se como uma via de mobilização dos afetos e de reflexão sobre as reverberações da escrita, seus arranjos e a possibilidade de encontrar-se neles; afinal, como adverte Clarice Lispector, “escrever é um modo de não mentir o sentimento” (2010, p. 103).

Essas formas de escrita têm sido documentadas quanto ao seu potencial de assimilação, ressignificação, produção de insight e autorreflexão (Figueiras; Marcelino, 2008). Constitui, portanto, uma tecnologia de cuidado acessível, de baixo custo e adaptável a diferentes contextos.

Este relato tem por objetivo descrever e analisar a experiência de facilitação de uma oficina de escrita terapêutica-criativa em contexto de congresso de saúde mental. Serão descritos os efeitos subjetivos percebidos na oficina e sua potencialidade como prática de cuidado individual e coletivo, atendendo ao que Shotter (2017) nomeia como construção de momentos de referência comum, que trata da construção de situações compartilhadas, onde uma simples palavra, ou um movimento corporal, produz sentidos, pois carrega significados possíveis apenas naqueles acontecimentos, tornando-se um enunciado completo.

2 PERCURSO METODOLÓGICO / DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A oficina foi facilitada em formato de grupo, contando com aproximadamente 20 participantes, provenientes de diferentes áreas ligadas à saúde mental. Iniciou-se com a leitura coletiva do poema “Se Eu Fosse Eu”, de Clarice Lispector, cujas indagações sobre identidade e desassossego existencial serviram de ponto de partida para o exercício da escrita.

Após a leitura, os participantes foram convidados a escrever para responder a seguinte questão: “Se eu fosse eu, quem seria?”. Foram destinados aproximadamente 15 minutos para essa atividade. Em seguida, retomou-se ao grupo para o compartilhamento das produções por 30 minutos. Os textos foram lidos por aqueles que se sentiram à vontade, instaurando um espaço de trocas e ressonâncias, em que a escuta se tornava continuação da escrita.

No segundo momento, propôs-se um novo exercício inspirado em uma frase atribuída ao escritor Anton Tchekhov (Writers Write, 2013). Tchekhov dizia que é justamente no início e no fim das histórias que mais mentimos. Dessa forma, foi solicitado que os participantes cortassem algo do texto produzido anteriormente – fosse o início, o meio ou o fim.

Esse gesto de subtração, realizado em cinco minutos, buscava provocar uma reflexão sobre o que se perde e o que se revela quando se abdica de uma parte da própria narrativa. Em seguida, houve 15 minutos de discussão e um encerramento, que durou 10 minutos, com avaliações em grupo sobre a experiência.

Quatro produções textuais elaboradas na oficina, todas de mulheres brancas, foram cedidas voluntariamente para compor o acervo das facilitadoras da oficina e serão mencionadas ao longo deste manuscrito.

3 RESULTADOS E REFLEXÕES

Antes de qualquer pontuação, é necessário dar profundidade ao que nos referimos como atividade de escrita. “Escrever” deriva do indo-europeu *Skreibh*, cuja base é *Sker*: “cortar”, “fazer incisão”, considerando que as formas primitivas de escrita eram definidas pela abertura de sulcos na argila ou pedra (Portella, 1984, p. 110).

Para nós, escrever sobre si é esse corte na própria carne, esse avesso. É se haver consigo mesmo e todos aqueles que lhe constituem. É materializar os afetos, dar-lhe nomes e, com isso, passar a reconhecê-los. Nesse sentido, não é um gesto isento de riscos. Em Lacan (2007), escrever é tatear o real, aquilo que escapa à simbolização e insiste em permanecer fora do campo do sentido. Ao tentar inscrever o indizível, o sujeito se vê às voltas com o que há de mais íntimo e, ao mesmo tempo, mais estrangeiro em si.

O início do texto da Participante 1 demonstra este processo: “Por mais que eu pense no assunto, e por mais que isso me desagrade, não posso fugir da primeira palavra que vem à minha cabeça: medo” (Participante 1, produção da oficina, 2025). O encontro vulnerável com o latente, o emocional, aquilo que mobiliza o sujeito, pode ser assustador, e é através desse enfrentamento, possibilitado pela escrita, que a oficina se desenha.

O ato de escrever pode tanto propiciar elaboração quanto fazer emergir o que se recusa a saber, tornando-se, por vezes, mais desestabilizador que terapêutico. Por isso, quando se fala em escrita terapêutica, é preciso cautela: é necessário mensurar os riscos, dosar sua aplicação junto à escrita criativa e, sobretudo, criar um espaço de acolhimento e partilha, um território em que o sensível possa circular, ser dito e ouvido.

Nesse sentido, enquanto facilitadoras, a oficina que apresentamos até então foi uma experiência surpreendente. Embora nós já tivéssemos tido experiências relacionadas à escrita e literatura na universidade, esta fora a primeira oficina do tipo que facilitamos. E, em uma proposta original, o resultado também se mostrou inconfundível.

Alguns participantes expuseram perspectivas centradas em experiências passadas, outros em possibilidades futuras, alguns narraram a própria morte, outros alinharam suas perspectivas ao texto de Clarice. Houve aqueles que, com graça, demonstraram as variadas facetas do eu e do tempo, como neste fragmento: “Se eu fosse eu, se fosse eu, eu, fosse, eu, se fosse (...) Se eu fosse eu... Mas já? já fui” (Participante 2, produção da oficina, 2025).

O elemento mais manifesto de toda a experiência foi a reação dos outros participantes quando ouviam os textos de colegas. Cada um dos textos, mesmo os que tinham algo em comum, eram completamente diferentes uns dos outros, surpreendendo, a cada leitura, os participantes. O próprio corte do texto levantou discussões e reflexões sobre os movimentos que levaram à construção inicial daquela escrita.

Esse movimento aconteceu, em nossa perspectiva, devido a uma indissociabilidade da escrita criativa e terapêutica. Por uma perspectiva psicanalítica, se pensarmos o processo de criação como um processo de movimentação do imaginário – da fantasia, do intangível, do inominável (Lacan, 2005) – a escrita criativa se disporia como um forte dispositivo de elaboração de assuntos frequentemente latentes no inconsciente.

Isso acontece devido a um movimento natural do aparelho psíquico de utilizar as instâncias imaginárias como complemento às associações e elaborações do aparelho psíquico, visto a impossibilidade de atribuir significado e compreender satisfatoriamente todos os acontecimentos do real (Freud, 1996; Lacan, 2005). Nesse ponto, as atividades criativas e artísticas tornam-se

ferramentas poderosas para mobilizar o imaginário, permitindo reorganizar associações e elaborações psíquicas, tanto aquelas já constituídas no passado quanto as que ainda não encontraram um lugar definido no aparelho psíquico ou escapam o real (Oliveira et. *al*, 2024).

Em atividades de escrita que propiciam um deslocamento subjetivo, seja uma troca de perspectivas internas ou de espaço simbólico externo, abre-se um "espaço outro" de existência para o escritor (Gurgel, 2022). Esse espaço possibilita o contato com facetas pouco exploradas de si mesmo ou com experiências pouco viáveis na materialidade concreta. Mesmo quando a escrita não gera grandes movimentações, a própria inércia revela aspectos significativos sobre seu autor, tendo assim uma faceta terapêutica indissociável.

Por estes motivos, pautamos que os conceitos de escrita terapêutica e criativa são indissociáveis. Misturam-se e se amalgamam tão profundamente que arriscar delimitá-los seria reduzir a oficina em sua proposta, facilitação e efeitos.

A potência dessa união revela-se em mais um fragmento surgido durante o processo: “Hoje um psicanalista me disse que todo corpo trai. Não acredito em traição. Meu corpo é duro, mas é fiel” (Participante 2, produção da oficina, 2025). Nesse caso, a exposição do eu de maneira possivelmente terapêutica é evidente, mas não empobrece a experiência estética e reflexiva do texto, ao contrário, a intensifica. O mesmo se observa no jogo de ritmo e composição de outra participante, em que emerge: “Se eu fosse eu, não haveria fronteiras. Me transporia, me carregaria... Se eu fosse eu, seria abissal, profunda, rasa, funda. Seria todos e ninguém, seria, apenas, uma” (Participante 3, produção da oficina, 2025).

Em nossa experiência, o valor estético do texto se fundiu à delicadeza do íntimo, fazendo emergir arranjos pautados na veracidade e na sacralidade do que há de mais verdadeiro no eu. Esse movimento parece ecoar o que Willemart (2014, p. 15) observa ao afirmar que, ao escrever, “o sujeito alternadamente se mostra e se esconde, pela pulsação do inconsciente”, descobrindo-se nesse próprio gesto de escrita.

Nessa mesma direção, Pontalis e Mango (2012, p. 227) lembram que “a força criadora de um autor nem sempre obedece ao seu querer”; a obra,

Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, ISSN 2595-2420, Florianópolis, v.17, n.54, p. 1-13, 2025

portanto, carrega inscrições subjetivas que revelam o sujeito para além do que ele gostaria de ver. Escrever é, assim, “entregar-se a uma influência secreta, inconsciente, que deixa vestígios” (p. 221) – um gesto de criação que também é risco. O texto produzido pela Participante 4 torna visível essa dinâmica:

“Se eu fosse eu, falaria em meu próprio nome, levantaria de súbito no terminal de ônibus em que os transeuntes orbitam como na sala de espera de um hospital sem leitos, sem médicos. Levantaria e rasgava a roupa gasta, despida desse não sei o quê performático um tanto forçado. Dava o grito entalado na garganta que corrói esse corpo meu, lentamente. Se eu fosse eu, seria como o que nunca fui, por falta de coragem - ou compaixão. As pessoas no terminal de ônibus se perguntariam então: quem é a louca que se jogou à beira do meio fio?” (Participante 4, produção da oficina, 2025).

Todo esse movimento, por sua vez, nos relembra o que foi dito pela escritora Clarice Lispector a partir da sua própria experiência com a escrita (2010, p. 85): “É na hora de escrever que muitas vezes fico consciente das coisas, das quais, sendo inconsciente, eu antes não sabia que sabia.” A palavra funciona então, como bem diria a autora (2010, p. 95), como: “uma isca para pegar aquilo que é ‘não-palavra’ e, quando conseguimos, a palavra cumpriu sua missão...”.

Considerando a vertente da Escrita Criativa, esse movimento nos remete diretamente a um de seus recursos narrativos mais potentes: o subtexto (Brasil, 2019). Se o texto é aquilo que se inscreve na superfície das palavras, o subtexto é o que permanece nas dobras, o que se esconde nas entrelinhas. É por essa fissura que o leitor se relaciona ao que lê, pois é na lacuna do não-dito que ele se identifica, se projeta ou mesmo se inquieta diante do que se anuncia (Brasil, 2019).

No contexto da oficina, contudo, o subtexto ganhou uma dimensão ainda mais especial. Cada texto, ao ser lido, recebeu novas camadas dos ouvintes, que apreenderam aquilo que escapou até mesmo ao autor. Nesse jogo de escuta e presença, o não-dito ganha corpo, e o grupo, por sua vez, torna-se coautor das revelações que emergem. Assim, a escrita enquanto proposta mostrou-se mais do que um exercício estético, ela provou-se uma forma de se capturar pelo que, até aquele momento, era indizível de si, por nunca antes ter sido convocado.

Um exemplo desse funcionamento pôde ser observado na oficina, quando a Participante 3, ao apresentar o próprio texto, perguntou a si mesma o

que, afinal, significava aquilo que havia escrito. Em seu relato, surgia a frase: “Se eu fosse eu, talvez fosse três. Três vezes eu; e, assim, seria maior, infinita” (Participante 3, produção da oficina, 2025). A partir daí, ela passou a indagar o desejo de uma gestação. Contudo, outro participante apontou que essa gestação poderia ser de um projeto, não necessariamente de um bebê. Essa associação livre só se tornou possível justamente pelo convite ao dizer e pelo espaço de acolhimento e de trocas instaurado.

O texto e sua oralidade, naquele instante, pareciam ecoar algo maior: a escrita como um campo em que o sujeito se surpreende consigo mesmo, convocado por aquilo que antes permanecia silencioso. É possível, ainda, a partir desse movimento, traçar um paralelo com o conceito de escrita de si, de Foucault (1992), especialmente quando se consideram os hypomnemata, cadernos pessoais em que se registravam pensamentos, leituras, experiências e reflexões, bem como as cartas trocadas entre mestres e discípulos. Nesses escritos, o sujeito se examina, se reflete e se oferece à alteridade para ser visto, pensado e transformado. Assim, o ato de escrever revela-se como um exercício de desvelamento de si e, portanto, de metamorfose – movimento que, inevitavelmente, se faz na presença e na passagem pelo outro (Foucault, 1992).

Ademais, tomar a palavra para si e assumir a própria narrativa nos remete diretamente ao processo psicoterapêutico. Como assinalam Benetti e Oliveira (2016), o ato de escrever pode ser promotor de saúde, favorecer a emergência de novas ideias, estimular a criatividade e abrir novas saídas possíveis. A escrita que acolhe a expressão de sentimentos e emoções configura-se, ainda, como um recurso que pode complementar o processo psicoterapêutico, independentemente da abordagem adotada (Benetti; Oliveira, 2016).

Diante desse cenário, a escrita da Participante 1 ilustra com precisão esse duplo movimento, que é de expressão e, simultaneamente, de criação de novos caminhos. Ela afirma: “De tempos em tempos, me sinto menos eu, como se uma parte minha tivesse se perdido pelo caminho” (Participante 1, produção da oficina, 2025). E, logo adiante, pela própria escrita, ensaia uma rota de reencontro: “Se eu fosse eu, não temeria tanto o tempo nem as despedidas,

nem quem eu mesma me tornei. Se eu fosse eu, não me perderia com facilidade e, mesmo que o fizesse, não me sentiria menos por isso.”

Diante disso, a experiência de interpelação pela escrita confirmou o potencial da literatura e da escrita terapêutica-criativa como dispositivos de produção de subjetividade e ampliação do sensível. Como sugere Dunker (2017), escrever é também reimaginar-se, e cada escrita é uma tentativa de reconciliar o eu com o seu avesso. Nas palavras de Tateo e Brown (2019) a imaginação é uma atividade fronteira, no espaço entre o estado atual das coisas e o próximo, implicando na relação entre o que acontece, o que aconteceu, o que poderia ter acontecido e o que irá, deverá ou deve acontecer, e neste processo, não apenas procuramos palavras para sentir, mas sentimos no corpo significados sem palavras.

Observamos que o ato de escrever despertou nos participantes momentos de introspecção e partilha. Alguns relataram que a escrita os fazia lembrar de experiências esquecidas; outros, que encontravam na palavra um modo de nomear aquilo que ainda não fora nomeado. Para nós, facilitadores, a oficina reafirmou o lugar da palavra como território de cuidado, um espaço em que o sujeito pode se reescrever e, assim, reinscrever-se no mundo.

Assim, a oficina configurou-se como uma experiência singular de encontro e experimentação, mas o desejo que dela emerge é o de continuidade: que possa ser replicada, ampliada ou reinventada em outros contextos, com outras propostas de escrita. Esta atividade nos parece simples, potente e de baixo custo. Uma aposta no ordinário e no extraordinário do convite à palavra.

Nesse sentido, é possível pensar propostas que se entrelaçam, por exemplo, ao território e aos atravessamentos próprios de cada lugar, uma vez que a palavra, quando situada, pode produzir impacto social, sentimento de pertencimento e novas formas de estar no mundo.

Ainda, se inscrita em uma perspectiva de grupos longitudinais, pode propiciar o fortalecimento dos vínculos comunitários e a ampliação do cuidado em saúde mental para além dos espaços clínicos tradicionais. Assim, reafirma-se a potência da escrita como dispositivo de encontro com o outro, de cuidado, de criação e de transformação.

A proposta de oficina terapêutico-criativa, portanto, opera como uma ferramenta metodológica efetiva para a construção do cuidado compartilhado em saúde e o fortalecimento das redes de pertencimento – perspectivando o cuidado singularizado como um princípio que converge com as propostas da Clínica Ampliada em saúde.

4 LIMITAÇÕES DA EXPERIÊNCIA

A principal limitação da oficina esteve relacionada ao espaço físico em que foi realizada. Por ocorrer em um auditório, não foi possível dispor os participantes em um círculo – formato que costuma favorecer a troca afetiva e a construção de vínculos. A disposição frontal e hierarquizada interferiu na criação de um campo mais íntimo, podendo comprometer, em parte, a sensação de pertencimento e o apoio mútuo diante do que emergia da escrita.

Como lembra Pichon-Rivière (2005), o vínculo grupal não se constitui apenas pelas trocas simbólicas, mas também pelas condições concretas que sustentam o encontro – o espaço, a posição dos corpos, o modo como o olhar circula. Bion (1975), ao tratar dos grupos, aponta que o enquadre físico e simbólico incide diretamente sobre a capacidade de pensar em conjunto. No caso desta oficina, a disposição espacial pareceu favorecer uma postura mais racional e performática, levando alguns participantes a se voltarem à dimensão estética da escrita, em detrimento da experiência introspectiva.

Por fim, não se pode esquecer de Foucault (1975) para compreender que o espaço nunca é neutro: ele organiza os corpos, regula os olhares e produz modos de subjetivação. O auditório, enquanto espaço disciplinar, impõe uma arquitetura do poder que, transposta para a oficina, repercutiu na dinâmica afetiva e na circulação da palavra.

Ainda assim, a experiência mostrou-se visceral e reverberadora. Mesmo em um cenário que não favorecia a intimidade, foi possível instaurar um campo de escuta sensível e partilha simbólica, confirmando que a escrita, quando compartilhada, sempre encontra uma brecha por onde passar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina revelou-se um espaço fértil de expressão e escuta, em que a palavra serviu de mediação entre o sujeito e aquilo que nele se mantém em

latência. Através de Clarice e Tchekhov, foi possível experimentar o que se poderia chamar de uma clínica da linguagem – um cuidado que se dá pelo gesto de dizer e de se ouvir dizer.

Os participantes puderam encontrar na oficina um espaço de criação e elaboração e, no grupo, um espaço de partilha, surpresa e afeto – produzindo os mais diversos atravessamentos neste processo.

Nesse sentido, consideramos que os resultados esperados para a oficina foram alcançados, uma vez que ela favoreceu o compartilhamento da experiência sensível e possibilitou reflexões que dificilmente emergiriam sem a convocação desses afetos. A partir do processo grupal, percebeu-se o papel fundamental da coletividade como espaço de imersão, segurança e partilha, atuando como catalisadora e potencializadora do processo criativo-terapêutico e, portanto, como componente indispensável da intervenção.

A proposta, além de fomentar a criatividade e o contato afetivo com a própria escrita, mostrou-se replicável em outros contextos da saúde mental, por sua potência de abertura, sua simplicidade e uso de poucos recursos. Acredita-se que práticas desse tipo ampliam o campo da atenção psicossocial, convidando à construção de espaços mais sensíveis e participativos no cuidado em saúde mental.

6 REFERÊNCIAS

BENETTI, Idonezia Collodel; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **O poder terapêutico da escrita: quando o silêncio fala alto**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental / Brazilian Journal of Mental Health, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 67–76, 2016. DOI: 10.5007/cbsm.v8i19.69050.

BION, Wilfred Ruprecht. **Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo**. Tradução de Paulo Mendes Campos. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Ensinar escrita criativa. **Palavras**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 55-60, 2019.

DUNKER, C. I. L.. Mal-estar na literatura brasileira contemporânea. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 91, p. 193–209, set. 2017.

FERREIRA, Marcelo Santana. Walter Benjamin e a questão das narratividades. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 127–134, 2011. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41479/pdf_218. Acesso em: 12 nov. 2025.

FIGUEIRAS, Maria João; MARCELINO, Dália. Escrita terapêutica em contexto de saúde: Uma breve revisão. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 2, p. 327–334, 2008.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 127-166.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id e Outros Trabalhos (1923–1925)**: (volume 19). Rio de Janeiro: Imago, 1996. 355 p. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Tradução de Jayme Salomão.

GURGEL, Veronica. Linguística e produção de subjetividade: relações esboçadas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 34, 2022.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. 256 p.

LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real. In: LACAN, Jacques. **Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. Cap. 2. p. 9–55. (2). Tradução de André Telles.

LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens de escrita e vida**. Ed Rocco Jovens Leitores, RJ. 2010.

OLIVEIRA, Alexandre Benini de et al. **A escrita criativa e sua função enquanto borda para o psiquismo**. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 28.; ENCONTRO LATINO AMERICANO DE

PÓS-GRADUAÇÃO, 24.; ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 14., 2024, São José dos Campos. Anais [...]. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2024. Disponível em: https://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2024/anais/arquivos/RE_1101_1186_01.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2025.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PONTALIS, Jean-Bertrand; MANGO, Edmundo Gómez. **Freud com os escritores**. Trad. de Andre Telles. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PORTELLA, Oswaldo. Vocabulário Etimológico Básico do Acadêmico de Letras. **Revista Letras**, Curitiba, UFPR, n. 33, p. 103–119, 1984.

SHOTTER, John. Momentos de referência comum na comunicação dialógica: uma base para colaboração clara em contextos únicos. **Nova Perspectiva Sistêmica**. [online]. 26 (57), 2017, pp.09-20. Disponível em de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000100002&lng=pt&tlng=pt.

TATEO, Luca; BROWN, Sheldon G. **The method of imagination**. Information Age Publishing, Incorporated, 2019.

WILLEMART, Philippe. O tempo lógico e as rodas da escritura e da leitura. São Paulo: Fapesp, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Ed. Nova Cultural (Col. Os Pensadores – trad.: José Carlos Bruni), 2000.

WRITERSWRITE. **Literary Birthday – 29 January – Anton Chekhov**. WritersWrite.co.za, 29 jan. 2013. Disponível em: <https://www.writerswrite.co.za/literary-birthday-29-january-anton-chekhov/>. Acesso em: 10 nov. 2025.